



REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE TRAVESTI NO *TALK SHOW* CASOS DE FAMÍLIA

Viviane Alves dos Santos¹; Douglas Azevedo da Cunha; Aleff Silva Aleixo; Lilian Kelly de Sousa

Galvão

Universidade Federal de Campina Grande, ¹virivialves@hotmail.com

RESUMO: Os estudos e debates sobre identidade de gênero têm se intensificado no Brasil e revelam que a mídia pode contribuir de forma significativa na construção do discurso das massas sobre identidade/s. Com base nessa constatação, o presente trabalho tem por objetivo analisar a representação do/a travesti no *Talk Show* Casos de Família, a partir dos discursos proferidos pelos personagens do programa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo. Nessa primeira etapa da pesquisa, foi analisado o episódio intitulado “O problema não é que você é gay, é que você é muito gay”, exibido no dia 28 de janeiro de 2015. As falas dos personagens foram transcritas para um arquivo do *Word* e submetidas, conjuntamente com as imagens, a Análise de Conteúdo de L. Bardin. O material discursivo coletado foi organizado em 5 categorias: Discurso normativo, Defesa à identidade travesti, Exposição à violência, Confusão conceitual e Gramática de gênero. Constatamos que grande parte dos discursos enxergam os indivíduos que fogem às normas binárias do gênero como desviantes e/ou aberrantes. Em contrapartida, também verificamos manifestações de defesa à identidade travesti. Ainda foram observados discursos que justificam a posição contrária ao travestismo pelo medo da violência. Ademais, foram encontrados discursos que associam o travestismo à homossexualidade. Por fim, chamou a atenção o fato dos/as travestis se referirem a si próprios usando artigos e adjetivos masculinos. Os resultados serão discutidos com base nas teorias e estudos sobre mídia e identidade de gênero.

Palavras-chave: Gênero, mídia, homossexualidade, travesti.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa época de rápido desenvolvimento tecnológico onde as informações circulam com uma velocidade impressionante. Vários são os meios de comunicação que fazem parte desse processo, dentre eles podemos listar o telefone, a internet, o rádio, jornais, revistas e, de modo especial, a televisão, por se constituir como um dos principais meios de comunicação presente na vida dos brasileiros.

De acordo com dados de uma pesquisa realizada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de

Opinião Pública e Estatística (IBOPE), que contou com a participação de cerca de 18 mil entrevistados em todo o país, 95% dos brasileiros assistem à TV regularmente e 74% a veem todos os dias; 79% das pessoas assistem à televisão para se informar, 67% como forma de diversão e entretenimento, 32% para passar o tempo livre e 19% por causa de algum programa específico; 11% dos entrevistados ainda declararam ter esse meio de comunicação como uma companhia (BRASIL, 2015, p.15).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A televisão pode ser considerada um veículo de informação que tem a capacidade de trazer o mundo para perto de seus telespectadores, informando-os dos fatos que acontecem no Brasil e no resto do planeta, e expondo as mais diversas opiniões sobre diferentes assuntos.

Algumas das notícias que têm se tornado tema corriqueiro na programação da televisão brasileira diz respeito à população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Para Fischer (1997, apud MAGALHÃES; RIBEIRO, 2008, p. 2), “a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos”, fortalecendo assim a ideia de que os meios de comunicação exercem forte influência na opinião da população, e, nesse sentido, ajudam a construir representações de identidade/s.

Tendo em vista a importância que a TV possui no cenário brasileiro, e considerando o destaque midiático que a população LGBT tem tido nas telenovelas, *Talk shows* e telejornais, é que foi delineado o objetivo desse trabalho.

A realização desse trabalho também se justifica pela visibilidade social que esse manuscrito poderá proporcionar a população travesti. Segundo Soares (2010, p. 8), “em relação ao discurso sobre os homossexuais nos meios de comunicação, nem um terço dos

textos diziam respeito às travestis. Quando eram retratadas, falava-se necessariamente da violência em torno delas ou de escândalos sexuais”. A categoria também é marginalizada e, por isso, encontra sérias dificuldades para se inserir em determinados espaços, como o mercado de trabalho e o ambiente escolar (SILVA, 2012).

Por fim, resta-nos dizer que escolhemos o *Talk Show Casos de Família*, exibido pela emissora de TV SBT, por ser um programa que agrega representações de diferentes atores sociais sobre um mesmo tema. No caso analisado, foi selecionado como objeto de investigação a identidade travesti representada pelos seguintes atores sociais: a apresentadora do programa, o auditório, os/as travestis convidados/as, os familiares e amigos/as dos/as travestis convidados/as e uma profissional da área da psicologia.

O *Talk Show Casos de Família* vem sendo apresentado diariamente desde maio de 2004. Inicialmente, pela jornalista Regina Volpato, e nos últimos cinco anos pela jornalista Cristina Rocha. O programa se propõe a trazer ao público os dilemas íntimos da vida cotidiana, em suas mais diversas esferas como traições, desentendimentos entre mães e filhos, casais que afirmam estar juntos apenas pelos filhos, não aceitação da orientação sexual de algum parente, entre outros.



Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é analisar a representação da identidade do/a travesti, com base no conteúdo dos discursos proferidos pelos/as personagens do *Talk Show* Casos de família.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter descritivo.

Nessa primeira etapa da pesquisa, que se refere a um estudo piloto, foi selecionado um dos quatro episódios que tinha como foco a população travesti, apresentados no ano de 2015 no *Talk Show* Casos de Família. O episódio escolhido para ser analisado no estudo piloto foi o intitulado “O problema não é que você é gay, é que você é muito gay”, exibido no dia 28 de janeiro de 2015.

O episódio selecionado foi transcrito na íntegra para o *Word* e, no final, foi construído um *corpus* de análise composto pelas falas de todos os personagens envolvidos no programa em questão, a saber: 4 travestis, 4 familiares, 4 amigos, a psicóloga e a apresentadora.

As falas dos personagens, conjuntamente com as imagens, foram submetidas à Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977), que é caracterizada como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu

contexto social. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682).

Em consonância com o preconizado por Bardin (1977), seguiram-se as três etapas básicas de tratamento dos dados: (1) a pré-análise, onde foi delimitado o *corpus* que se pretendia analisar e foi realizada a leitura flutuante do texto; (2) a exploração do material, onde foram verificadas a repetição de conceitos e palavras e formadas as categorias temáticas com base nas ideias que emergiam do texto; e (3) o tratamento e interpretação dos resultados, que por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo foi realizada à luz do referencial teórico de autores que problematizam as questões de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material discursivo coletado foi organizado em 5 categorias predominantes, a saber: Discurso normativo, Defesa à identidade travesti, Exposição à violência. Confusões conceituais e Gramática de gênero.

1) Discurso normativo

As roupas sempre foram em nossa cultura um importantíssimo signo de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gênero e status, cuja função era – e ainda o é, hoje em dia – o de regular e vigiar as fronteiras culturalmente criadas entre os sexos/gêneros e grupos sociais. (JORGE LEITE JR., 2011, p. 54).

Parafraseando Borba e Osterman (2008, p. 410), “travestis são indivíduos biologicamente masculinos que, através da utilização de um complexo sistema de *techniques du corps*, moldam seus corpos com características ideologicamente associadas ao feminino”, “transgredindo” assim as normas, construindo identidades sexuais e de gênero fora dos modelos de masculinidade e feminilidade e de relações afetivo-sexuais convencionais (GALINKIN; ISMAEL, 2011).

Já há algum tempo, os estudos de gênero vêm problematizando a ideia de sexo/gênero biologicamente determinados, tratando-os como categorias analíticas socialmente construídas que precisam ser analisadas dentro do contexto social/histórico que estão inseridas. A própria ciência também aponta para os erros de se enquadrar os sexos/gêneros em categorias pré-definidas. Para Barbieri (1992, apud MEDRADO; LYRA, 2008) a linha de raciocínio que se utiliza de aspectos observáveis da anatomia humana para enquadrar indivíduos em determinados gêneros/sexos vem perdendo força, visto que recentes descobertas da

ciência alertam para a existência de variados níveis da diferença sexual (sexo cromossômico, gonadal, anatômico e fisiológico). Assim sendo, valer-se apenas de um nível da diferença sexual para posicionar terceiros em determinadas categorias se torna um ato no mínimo equivocado.

Não obstante a isso, os discursos que enxergam os indivíduos que fogem às normas binárias do gênero como desviantes e/ou aberrantes não cessaram, e podem ser ouvidos todos os dias, proferidos com tamanha naturalidade entre os membros da sociedade. Por isso não foi surpresa nos depararmos com Discursos normativos, aqui definidos como sendo falas que remetem a aquilo que Butler (2003) chamou de “gêneros inteligíveis”, que seriam aqueles que em certo sentido instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, sendo o/a travesti dentro dessas normas um espectro de descontinuidade e incoerência.

Esses Discursos normativos propagam estereótipos do que é “ser homem”, do que é “ser mulher” e do que é “ser gay”. Exemplos desse tipo de discurso podem ser encontrados na fala da mãe do/a travesti Fabiola, primeiro/a participante do programa que se traveste desde os 17 anos: “Ele é muito depravado, quer ficar 24 horas de mulher”, “ele pode ser o que seja, mas um gay



comportado e não depravado”, “seja o que é, mas ele já é demais”; ou ainda na fala da Madrinha de Evanildo, o/a terceiro/a participante (travesti) do programa: “eu não quero ele desse jeito (vestido de mulher), eu quero ele normal”, como também na fala de um/a amigo/a (gay) de Evanildo: “Sabe o que você tá parecendo? Andrógena!”.

Os fragmentos de discurso supramencionados traduzem que para alguns participantes do programa o problema “não é ser gay, é ser muito gay” (como já sugerido no próprio título), como se houvesse um modelo a ser seguido do que é ser gay, e o (a) travesti não estivesse enquadrado nele.

2) Defesa da identidade travesti

“Se o objetivo é ser uma mulher, mulher não faz isso”. (Anahí, Psicóloga do programa).

Iniciamos com a frase da psicóloga para demonstrar que a imagem representada pela psicóloga do que é ser travesti não corresponde à imagem que ela tem do que é ser mulher. Nessa mesma direção, alguns/algumas travestis se colocam em um gênero à parte, não são gays, não são homens, nem mulheres, são travestis.

A esse respeito, Jesus (2012, p. 16) defende que travestis são “pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como

mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero”. Ou seja, ser travesti implica em assumir uma nova identidade, não homem, não mulher, não gay, mas uma identidade que, para além do travestir-se com roupas do sexo oposto, possibilita também a reconstrução do corpo.

Também constatamos um conjunto de falas que denotam uma tentativa de autoafirmação da identidade travesti: “sempre foi meu sonho ser travesti” (travesti Evanildo). “Isso é recalque da minha mãe, tem muita gente, homem e mulher, que é recalcada com o meu corpo” (travesti Juliane). “Temos que ser felizes da maneira que a gente gosta, e não se importar com o que os outros vão falar” (travesti Fabiola).

3) Exposição à violência

O Brasil é o país onde mais ocorrem assassinatos de travestis e transexuais em todo o mundo. Entre janeiro de 2008 e abril de 2013, foram 486 mortes, (...). Em 2013 foram 121 casos de travestis e transexuais assassinados em todo o Brasil. Mas estes dados estão subestimados. Todos os dias, via redes sociais, nos chegam notícias de jovens transexuais e travestis que são barbaramente torturadas e assassinadas (BENTO, 2014, p. 1)

Os dados citados são de uma pesquisa realizada pela ONG *Internacional Transgender Europe*, mencionados por Berenice Bento em seu artigo “Brasil: país do



transfeminicídio”. A autora usa o termo transfeminicídio para se referir aos homicídios cometidos contra travestis e transexuais, enfatizando que a motivação para a prática da violência advém do gênero. Segundo ela, essa é uma política de eliminação da população trans disseminada no Brasil, motivada principalmente pelo ódio e pelo nojo sentidos contra essa população.

O medo da exposição à violência também foi marcante nos discursos de familiares e amigos dos/das travestis convidados/as, e da apresentadora, e foi utilizado como forma de justificar um posicionamento contrário ao travestismo. A violência que os/as travestis sofrem, de acordo com alguns participantes do programa, são tanto de natureza física, quanto psíquica (discriminações, preconceitos): “E têm pessoas sacanas que gostam de humilhar mesmo, têm pessoas que respeitam a homossexualidade, mas têm pessoas que não respeitam. O medo da gente é que têm pessoas que são agressivas né... Que não se conformam em ver o outro com uma orientação sexual diferente. Tem gente que fica na dela” (Cristina Rocha, apresentadora do programa). Ou ainda, “Já colocaram revolver na minha boca, três caras queriam me estuprar” (Fabiola, travesti). “Não aceito ele vestido de mulher, tenho vergonha porque corro risco” (Amigo do travesti Evanildo). “O

povo zoa muito quando a gente sai na rua, principalmente quando passa em frente à obra” (Amigo do travesti Jonatan).

4. Confusões conceituais

Nos discursos analisados também observamos uma compreensão equivocada do que é orientação sexual e do que é identidade de gênero. Como pontua Jesus (2012), identidade de gênero diz respeito ao papel gênero, com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento; orientação sexual refere-se a atração afetivo-sexual por alguém, diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero. Ou seja, são conceitos diferentes que não estão diretamente ligados. Logo, não necessariamente alguém que se identifica como travesti, tem uma orientação homossexual. Alguns amigos e familiares dos/as travestis convidados consideram que o motivo deles/as se travestirem é a sua orientação homossexual, como se ser gay e ser travesti fossem coisas consequentes. Isso pode ser exemplificado na fala do amigo (gay) do/a travesti Jonatan que afirma que: “Pra ser gay não precisa se vestir de mulher, gay de verdade não se veste de mulher”, ou ainda na fala da mãe do/a travesti Juliane: “quando ele pequeno e gostava de usar



minhas roupas, já comecei a me preocupar que ele fosse virar gay”.

5. Gramática de gênero

Um outro dado que chamou a atenção refere-se à forma como os familiares e os/as próprios/as travestis representam a si mesmos sempre usando artigos e adjetivos masculinos.

Segundo o dicionário Aurélio, travesti é um substantivo comum de dois gêneros, significando: 1- Indivíduo que, geralmente em espetáculos teatrais, se traja com roupas do sexo oposto; 2 - Homossexual que se veste e que se conduz como se fosse do sexo oposto. Deve ser usado, portanto, para homens ou para mulheres. Se o indivíduo (travesti) for do sexo masculino, usa-se o travesti; se for do sexo feminino, a travesti.

Porém, em confronto com o que diz o dicionário, e de acordo com Jesus (2012), os/as travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insulto serem adjetivadas no masculino, fato que não é observado nos/as travestis participantes do programa, por isso passível de discussão.

Borba e Osterman (2008, p. 409), em seu estudo sobre a manipulação do sistema de gênero gramatical entre travestis profissionais do sexo, relataram o uso de formas masculinas para se referir aos/as travestis em quatro contextos discursivos distintos, a saber: narrativas do eu anterior às mudanças

corporais, discurso reportado ao falar de travestis, descrição de si dentro da esfera familiar e contraste eu vs. os outros: uma estratégia para proteger a face. Corroborando um dos achados desses pesquisadores, verificamos que os/as travestis participantes do programa se autodescrevem como seres masculinos ao se reportarem a esfera familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, consideramos pertinente lembrar que:

Os gêneros que se constroem fora do modelo heterossexual hegemônico mostram, de forma mais dramática, a possibilidade de criatividade e mudanças. Criam-se novos personagens com papéis e cenários idealizados fora do script normativo, possibilitando o trânsito entre um e outro sexo/gênero e o desempenho de um ou outro papel. As identidades mostram-se fluidas, assim, e não fixas ou permanentes. (GALINKIN; ISMAEL, p. 510, 2011).

Logo, como bem pontua Jorge Leite Jr. (2011, p. 220):

As pessoas travestis e transexuais, com suas múltiplas maneiras de vivenciar a travestilidade e a transexualidade, ajudam a questionar mesmo que sem intenção, as normas de gênero que regem nossos conceitos de sexo, gênero e, no limite, do humano, explicitando que essas normas também são fluidas e transitórias. Afinal, quando nossos gêneros sentem-se dispostos a mudar, *nossos corpos também mudam*.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim não é difícil identificar o porquê dos/as travestis serem alvo de incompreensão, intolerância e violência: como já dito anteriormente, são pessoas que experimentam a possibilidade de não estar “nem lá, nem cá”, rompem com a barreira do que é inteligível para a maioria da população. E por adotarem um posicionamento incomum, são colocadas numa posição pouco privilegiada nas relações de poder – um poder *foucaultiano* que está manifesto em diversas esferas da realidade e presente no íntimo de todos, poder do qual não se pode fugir. Mas não nos enganemos, a ideia de “onipotência” do poder não implica dizer que a liberdade não é possível. Como apontam Medrado e Lyra (2011), o poder problematizado por Foucault também implica em liberdade; se existem relações de poder é porque também existem possibilidades de resistência. Os/as travestis são prova disso: possibilidades de resistência diante das relações de poder.

REFERÊNCIAS

- BENTO, B. Brasil: país do transfeminicídio. **Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos**. 2014. p. 1 – 2. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf. Acesso em: 09 de abril de 2016.
- BORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Revista Estudos Feministas** v.16, n.2, p. 409-432, 2008.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília. 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 24 out. 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, p. 679-684. Out. 2006.
- FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O mini dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Coordenação de edição: Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia: Margarida dos anjos, et al.



GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O. PEREIRA, M. E. (Orgs.). **Psicologia social: temas e teorias.** Brasília: Technopolitik, 2011, p. 503-557.

JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero:** conceitos e termos, Brasília 2012.

JUNIOR, J. L. **Nossos corpos também mudam:** a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. /Jorge Leite Jr., apresentação de Berenice Bento. – São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011. (Série sexualidade e Direitos Humanos).

MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. Gênero e mídia: analisando a rede de discursos neurocientíficos em programas de TV. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder.** Florianópolis. 2008.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidade. **Revista estudos feministas.** Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809 – 840, set./dez. 2011.

SILVA, M. **A vida profissional de travestis:** da marginalização à inserção no mercado de trabalho profissional. 2012. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012

SOARES, A. S. F. A construção de identidade sexual: travesti, a invenção do feminino. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 2, p. 5-14, Ilhéus, 2012.

